

**ETNOGRAFANDO O SERTÃO-MUNDO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA
(ANTROPOLOGIA E LITERATURA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS)**

Maria Dione Carvalho de MORAES
Patrícia Carvalho OLIVA

Universidade Federal do Piauí
mdione@superig.com.br

E. E. Domingos Barbosa Braéer/SER-MG
patriciaoliva29@yahoo.com.br

Resumo: o ponto de partida é o discurso literário como objeto de interesse antropológico e tomado não como imitação mas como metáforas da vida. Este discurso é aqui considerado como tendo uma estética própria, e cuja textualidade, na perspectiva da crítica pós-moderna à ciência, não é estranha ao texto etnográfico. Neste artigo, objetivamos pensar sobre convergências entre literatura e antropologia, em especial, na obra “Grande sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa, buscando delinear dimensões de um encontro/confronto de instrumentos e possibilidades de novas ferramentas de conhecimento. Neste sentido, tomamos a escrita rosiana como posicionamento intelectual literário mas também, à moda etnográfica, como um modo de interpretar e narrar processos, atores, ambientes, de um sertão-mundo, ao mesmo tempo, como representações e para além delas. A hipótese central, em si mesma, expressão da abordagem teórico-metodológica, é que os caminhos rosianos percorridos nesta construção literária abrem-se a articulações com perspectivas e aspirações da pesquisa antropológica. Em especial, de uma antropologia do imaginário, com foco na memória e em narrativas orais, com centralidade no narrador e nos cambiantes sentidos agenciados, atravessados por múltiplas “veredas”. Como resultado, em linhas gerais, podemos dizer que a obra rosiana e a antropologia apresentam instrumental analítico, retórico, e metodológico, como ferramentas heurísticas articuláveis e convergentes no trabalho de apreensão do imaginário social de sertão.

Palavras-chave: Literatura – Antropologia – Guimarães Rosa – Sertão – Imaginário

I- Introdução

“O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja; que situado sertão é por os campos gerias a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo. Terras altas, demais do Uruçúia. Toleima [...]” (ROSA, 1956, p. 9).

Nesta despretensiosa etnografia textual, a quatro mãos, buscamos alinhar idéias relacionadas a possíveis respostas para a pergunta: qual a potência da relação entre as textualidades literária e antropológica? Partindo do pressuposto da existência de diálogos e fecundação recíproca, voltamo-nos à apreensão/explicação destas possibilidades no romance “Grande sertão: veredas” de João Guimarães Rosa¹.

¹ João Guimarães Rosa (1908-1967) nascido em Cordisburgo-MG, desde cedo interessou-se pelo estudo de línguas. Tido como pertencente à Terceira Geração do Modernismo, de 1945 a 1980, também chamada de Pós-Modernismo, é considerado um dos prosadores mais originais da literatura brasileira. Sua estréia deu-se com a publicação da coletânea de contos *Sagarana*, em 1946. Além desta, escreveu *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* (1956), *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia – terceiras estórias* (1967), e *Estas estórias* (1969). A obra

As múltiplas veredas desta conjunção, encontram-se em vários campos: na sociologia da arte (BASTIDE, 2006; BOURDIEU, 1996), como estudo dos modos de produção, circulação e ritualização (legitimação) dos objetos artísticos (GALLINO, 2005); na antropologia da arte, tomando-se a obra literária como cristalização de relações sociais, lugar da mediação dos objetos artísticos (GELL, 1998, 1999); em uma antropologia escrita (GOODY, 1987; BROTHERSTON, 1992), dentre outras. Com inspiração em Rattes (2009), tratamos, aqui, da dialógica entre antropologia e literatura, com base no referido romance², em termos de possibilidades/horizontes heurísticos. Sobretudo, no que tange ao imaginário de sertão.

Concordando com Garbuglio (2002, p. 158) quanto à difícil tarefa de submeter a exame a “prosa singular e criadora” de João Guimarães Rosa, limitamo-nos a certos aspectos exógenos e endógenos, interrelacionados, na escritura de *Grande sertão: veredas*. Um primeiro, relativo a um procedimento muito caro à pesquisa antropológica – o famoso *being there* –, diz respeito às viagens de Guimarães Rosa pelos sertões dos campos gerais (norte de Minas Gerais, sul da Bahia, norte e nordeste de Goiás) e aos seus registros em cadernetas de campo, comparadas aos diários de campo utilizados por etnógrafo/as; um segundo, o protagonismo do personagem-narrador no romance rosiano, que comparável aos registros etnográficos de narradore/as em abordagens antropológicas, atitude, esta, em estreita relação com o que Clifford Geertz denomina descrição “microscópica” (GEERTZ, 1989, p. 31), esta, presente na fala riobaldina; um terceiro, a ênfase no simbólico como matéria e elemento primordial da construção literária e a analogia com a busca do desvendamento de “evidências simbólicas” que constitui o ofício do etnógrafo como dito por Oliveira (2007). E como intuído por Riobaldo, pela pena rosiana:

Mas o senhor serio tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sentimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. (ROSA, 1956, p. 27).

A obra *Grande sertão: veredas*, tomada em perspectiva antropológica, remete a um encontro/confronto de instrumentos e possibilidades de modos de interpretar e narrar processos, atores, e ambientes de um sertão-mundo. Nesta direção, os discursos literário e antropológico, com estéticas e retóricas próprias (COLOMBO, 2005), apontam para convergências. A escrita rosiana abre-se a articulações com perspectivas e com aspirações da antropologia do imaginário, com foco na memória e em narrativas orais, com centralidade no narrador e nos cambiantes sentidos agenciados. A escritura deste romance e a escritura etnográfica apresentam ferramentas heurísticas – instrumental analítico, retórico, e metodológico – articuláveis e afluentes, na construção/apreensão do imaginário social de sertão³.

Com os objetivos declarados, estruturamos o texto da seguinte forma: após esta introdução, apresentamos uma breve dissertação sobre a matéria-vertente sertão, no pensamento social brasileiro ensaísta e literário; em seguida, desenvolvemos a proposta do texto tratando do sertão-mundo de *Grande sertão: veredas*, trilhando pelas convergências entre literatura e antropologia, referindo o autor e a obra; instrumentos de escrita literários e etnográficos como cadernetas e diários de campo; a centralidade do narrador e elementos da narrativa.

Após, algumas considerações finais seguidas das referências que nos permitiram organizar esta escritura polifônica.

Corpo de baile é publicada, atualmente, em três partes: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá*, *no Pinhém e Noites do sertão*.

² Para Kathrin Rosenfield, apesar de *Grande sertão: veredas* ser considerado um romance, a estrutura da obra estaria mais próxima do conto, gênero no qual João Guimarães Rosa destaca-se dentre os maiores contistas brasileiros do século XX, amalgamando lírica e narrativa. “[...] à altura da arte dos imperceptíveis amálgamas eruditos que animam os autênticos sertanejos” (ROSENFELD, 2006, p. 83).

³ Exemplo profícuo desse diálogo, na antropologia, pode ser visto em Brandão (1998)

II- Ser... tão Brasil

“Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde uma pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; é onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrôcho de autoridade”. (ROSA, 1956, p. 9).

No imaginário de sertão, o par contrastante sertão/litoral é um signo do pensamento social brasileiro, seja na escrita científica ou literária onde estilos, figuras de linguagem, cenários e mecanismos narrativos relativos a circunstâncias históricas e sociais, são elementos de primeira ordem na interpretação de Brasil (SOUZA, 1997). No campo do imaginário (CASTORIADIS, 1982; DURAND, 1988; ZURCHI, 2003), interessam significados, trilhas e ambigüidades, de modo que a própria representação identitária presente nas imagens é, em si, um ato ficcional, o que não significa serem declarações fictícias sem poder de avaliação da realidade. Este processo de invenção social e de imaginação criadora produz signos com poder de instituição social de identidades marcadas pela oposição geo-simbólica sertão/litoral, em cujo curso se instaura a nação brasileira.

Uma vasta sociografia na qual a representação do espaço como elemento caracterizador do país e de seu povo a idéia da relação sertão/litoral estende e até mesmo pré-condiciona a elaboração de uma idéia de Brasil, soma-se a uma, também, vasta, produção literária. Autores como os viajantes que se adentraram pelo país, como Auguste Saint-Hilaire, no século XIX, passando pelos que problematizaram um Brasil a ser, como João Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha, no século XX, até os que lidam com o tema da incorporação da fronteira, como Cassiano Ricardo, Vianna Moog, e Sergio Buarque de Hollanda, dentre outros.

São autores e idéias que muitas vezes se expressam pela diferença de entender o projeto de compreensão da conquista e ocupação do espaço pertencente ao Brasil e a própria construção da nação, embora, no conjunto, tenham-se representações sociais fundadas, sempre, na trajetória da costa para o interior, produzindo a distinção entre regiões da marinha e do sertão e definindo o Brasil em seu nascimento e destino. As idéias que transparecem no conjunto de eventos se traduzem em imagens pelas quais, na posição vacilante de um sujeito classificador, o sertão aparece como desconhecido, diferente, problemático, deserto, longínquo, Brasil a ser, ignoto, outro Brasil (SOUZA, 1997).

Por outro, uma vasta construção em prosa e verso, na qual esta dualidade ganha versão literária no romantismo e no regionalismo, desde as primeiras manifestações literárias do sertanismo árcade e romântico do final do século XVIII e meados do XIX, com Cláudio Manoel da Costa, Alfredo de Taunay, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Franklin Távora, à sua definição como corrente sistemática, do final do século XIX, com Afonso Arinos, para o século XX adentro com Simões Lopes, Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato, Hugo de Carvalho Ramos, nos anos 1920, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, nos anos 1930, a desdobramentos recentes⁴.

Nestas escrituras literárias, sertão é recortado como elemento de uma totalidade bipartida e é polissemicamente representado em uma perspectiva romântica, ou realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determinista, em sua dimensão espacial (interior longínquo, despovoado ou povoado por uma raça mestiça); econômica (agrária e subdesenvolvida; pecuarista extensiva); social (vidas em associação comunitária, usos, costumes e cultura política próprios); psicossocial (universo psíquico mais ritualizado, pensamento mítico-agônico); histórico (chave de nossa origem histórica genuína, pelas bandeiras); imaginário

⁴ Para detalhes, ver Vicentini (2007)

(local de vida heróica ou trágica; vida salutar e genuína; vida identitária (VICENTINI, 2007; MORAES, 2007).

Em ambas discursividades, um olhar de um sujeito falante. Um discurso e um objeto. Os primeiros: do litoral, lugar conhecido e articulador do olhar e do discurso. O segundo, o sertão: lugar incógnito sobre o qual o narrador fala, revelando para leitor/as compatriotas um Brasil ignoto, fazendo lembrar, o que disse o padre Antônio Vieira – cantado por Luiz Gonzaga: “há quem fale sobre o sertão, morando em palacetes (...), sem jamais ter pisado a poeira de nossas estradas” (VIEIRA, 1966, p. 9). É a escrita ensaística ou literária que fala pelo/a sertanejo/a, por parâmetros citadinos. Nesse imaginário, difundem-se imagens de um Brasil desconhecido, de sertão como impedimento à construção da unidade, da imensidão do território nacional como problema e destino coletivos, idéia importante, por exemplo, para o imaginário ainda hoje reinante da fronteira permanente e inesgotável: Brasil e Brasil a ser, lugar sertão igual a desconhecido, diferente do espaço habitado e familiar onde reside o marinha. Sertão nasce como alteridade e os significados atribuídos aos lugares sertão e litoral constituem fórmulas narrativas centrais, eixos ordenadores e referência nos escritos de interpretação do Brasil.

Como representação social, essa bipartição permanece em nós como dois cenários que combinam terra e gente, embora, através da arte, sertão e litoral se reencontrem muitas vezes e embora todos nós sejamos, de forma irremediável, frutos desse encontro, dessa circularidade (GINZBURG, 1987) e desse dialogismo (BAKHTIN, 1995, 1996) culturais. Isso, porém, não nos autoriza a deixar de inquirir sobre os sentidos da nossa dimensão-sertão no processo de construção da nossa própria identidade, ou de como somos interpelados pelo sertão em sua trajetória⁵.

O viver no sertão, e suas enormes distâncias, é tema que caracteriza o olhar do/a intelectual nacional sobre o Brasil, distinguindo-se das preocupações e falas de viajantes, que descreviam apenas o exótico. A tarefa de definir lugares, descrever e nomear modos de vida no imenso território, identificar a distinção como problema, ganha perspectiva geopolítica: imensidão do território nacional – em dois cenários de combinação de terra e de gente – como problema e destino coletivo de um Brasil plenamente pertencente ao espaço-nação (litoral) e de um Brasil a ser (sertão). Sertão é, então, metaforizado como oeste, no deslocamento do litoral para o interior, estes, lugares simbólicos, no discurso explicador da nação. Sertão, como opositor geográfico da costa – civilização litorânea, porção aculturada – é o interior independente e autêntico. A idéia de independência da costa casa-se com a de originalidade e autonomia na construção da nacionalidade, pela bandeira, no contorno do mapa político, no sentimento de pertencimento à pátria, na composição rural do povoamento, e na estruturação da ordem política (SOUZA, 1997).

Esse imaginário representa sertão como vastidão preocupante, por autores como Oliveira Vianna; como nação incompleta, permanente questão nacional, algo que ficou apenas atravessado, mas não dominado, como escreveu Raimundo Faoro; um lugar/coisa que resiste, distinto do litoral. Nessa resistência, povo e modo de vida do sertão, são pensados como parte de uma ordem social específica – a sociedade sertaneja – fruto do distanciamento transposto, na própria narrativa, pelo mediador, que enumera atributos do homem e da terra, estilo inaugurado por Euclides da Cunha. Um imaginário de sertão como *habitat* social, na estreita relação entre natureza e sociedade. Sertão-geografia, igual a sertão-sociedade. Embora

⁵Nesta, o período que vai do século XVI ao XVIII corresponde à conquista do patrimônio geográfico brasileiro sob a ação das expedições bandeirantes, numa expansão da sociedade colonial para além dos núcleos de povoamento da costa. Este é um período de fértil representação não apenas relativa àquela época histórica, mas, ainda, à projeção da idéia da fronteira sempre possível e da saga do bandeirante como desbravador. A visão da centralidade do bandeirismo na memória da nacionalidade, com a mobilidade por meio do espaço constitui-se como a possibilidade sempre pensada de construção da nação. (SOUZA, 1997).

com registros diferentes, essa idéia é reencontrada na sociografia e na literatura em autore/as como João Capistrano de Abreu, Carlota Carvalho, Renato Castelo Branco, Alvina Gameiro, H. Dobal, dentre outros, e em João Guimarães Rosa.

Euclides da Cunha expõe um imaginário de quase-simbiose entre natureza e cultura, para falar da “sociedade rude dos vaqueiros” (CUNHA, 1968, p. 9), a um tempo, deserto de polidez (em comparação com o litoral) e berço de nacionalidade étnica. O convite para atravessar aquela sociedade é um signo da invenção da modernidade política brasileira, traduzida pelo projeto republicano, no qual o sertão não tinha lugar⁶. Um ideário de sertão que o resume à seca e a um modo de vida rude e, ao mesmo, portador de uma civilidade arcaica. Nessa terra de modo de vida excêntrico – para populações do litoral –, perdurariam tradições e costumes antigos e específicos, com extensas e isoladas fazendas de gado; uma linguagem com termos que remontam ao português castiço, em desuso no meio urbano. A aridez do sertão, na literatura aparece, via de regra, na circularidade inverno/verão, delimitando tempos, modos e gestos de um povo. Este foi um filão consagrado pelo romance da geração de 30, que tematiza sertão e sertanejo/as⁷.

São representações de uma cultura sertaneja em obras históricas, ensaísticas e literárias. Entre as primeiras, João Capistrano de Abreu traça o pioneiro retrato do que chamou “época do couro” a partir da análise das entradas desde o século XVI, até as bandeiras, no XVIII. Embora o povo do sertão, nessa obra, não chegue a ser sujeito/objeto no sentido antropológico de análise - uma entidade cuja referência ajude a falar do espaço/povo, Abreu (1982) é impar na tarefa de reconhecer os episódios do povoamento do interior⁸ e questões da ordem política que desafiam o contrato social. A idéia é a de que a independência, radicalizada como um modo de vida sertanejo, próprio e diferente de outras regiões, se casa com uma atividade específica, a pecuária. O sertão de João Capistrano de Abreu, como o de Euclides da Cunha, se tinha alguma vocação econômica, era a pecuária. Nesse imaginário o vaqueiro como tipo humano livre e independente. Uma visão idealizada do vaqueiro como herói cultural da região sertaneja, assemelhando-se ao modo pelo qual o índio foi tomado pelo romantismo como símbolo da nacionalidade brasileira.

Na memória social (HALBWACHS, 1980; CONNERTON, 1993; FENTRESS e WICKHAM, 1994), personagens comportam-se mais como significados corporalizados que como personagens de carne e osso. E o trabalhador pastoril ganha eficácia simbólica própria: representar a subordinação da natureza, ecos euclidianos do vaqueiro/sertanejo como rocha viva da nacionalidade (MORAES, 2000; 2004; 2006). No que tange à cultura política, esta sociedade rude de vaqueiros é representada como instituidora de uma ordem própria, baseada em valores locais, fundada no patriarcalismo e profundamente estratificada entre homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e senhores, brancos e caboclos, como lembra Falci (1995;

⁶Com base no conhecimento geológico do final do século XIX, o autor detalhou, fisiograficamente, regiões do interior do Brasil, até então, indiferenciadas pela denominação geral de sertão – por oposição a litoral – e como território da aridez Carlota Carvalho (CARVALHO, 1924), na década de 1920, refutou a visão euclidiana da aridez, redutora, segundo ela, da idéia de sertão, pretendendo demonstrar a existência de outros sertões, Brasil afora. Descreveu aspectos fisiográficos e a história da ocupação e povoamento da região que compreende o sul do Maranhão, limítrofe com o sudoeste piauiense, regiões de cerrados.

⁷No trabalho de conceitualização da memória social, personagens comportam-se mais como significados corporalizados que como figuras reais de carne e osso. Assim, na ausência de heróis, as próprias elites, alimentaram/forjaram um tipo de herói cultural, econômico e socialmente subordinado – o sertanejo – com eficácia simbólica própria: significar a subordinação da natureza, o que, no caso, remete à idéia euclidiana do vaqueiro/sertanejo como rocha viva da nacionalidade.

⁸A Capitania de São Vicente é seu ponto de partida para tratar o tema das bandeiras paulistas, com destaque para o papel da pecuária na ocupação do sertão, em particular das fazendas estabelecidas ao longo do rio São Francisco, em uma “alquimia nacionalizadora” (SOUZA, 1997), operada pelo afastamento de Portugal. Da ruptura com a Metrópole e constituição da nação, nasce o povo brasileiro fruto da mistura e extermínio das gentes paulistas com as populações indígenas, nos sertões.

2002), jagunços e coronéis. As imagens correspondentes a esse modo de vida são as de sertão como ausência de ordem pública, sertão do cangaço, dos coronéis, do messianismo, de uma ética sertaneja.

João Guimarães Rosa como herdeiro e partícipe desta memória, constrói, literariamente, um modo de vida sertanejo. Aqui interessa, sobretudo, lembrar seu diálogo, com duas linhas distintas do pensamento social brasileiro: com “Os sertões”, de Euclides da Cunha, ponto de partida fundamental para o imaginário sobre sertão e gentes sertanejas; e com os diários de grandes viajantes do século XIX, como Saint-Hilaire, na compreensão do ambiente natural e das gentes (TESE..., 1996). Mas, há distinções importantes da obra euclidiana: João Guimarães Rosa foge à construção de sertão e de sertanejos pela ótica do colonizador e do cidadão, assim como escapa à identificação de sertão com apenas aridez e seca, comum na literatura de João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, dentre outro/as. E, como lembra Arroyo (1984), Guimarães Rosa desempenha importante papel na reconstrução/invenção das gentes do lugar. Assim, diferentemente de obras de viajantes e naturalistas do século XIX, em vez de simplesmente descrever a natureza, Rosa (1956) preocupava-se em anotar como os habitantes dos locais que visitava a descreviam, buscando ver com os olhos de viventes do sertão. Processando uma “transculturación narrativa” (RAMA, 1982, p. 32), faz emergir múltiplas outras faces do sertão, em sua complexidade ambiental, humana, geográfica, econômica, política, simbólica: um sertão-mundo.

Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.
(ROSA, 1956, p. 156).

III- O sertão-mundo riobaldino-rosiano: veredas literárias e antropológicas

“Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas . O que muito lhe agradeço é sua fineza de atenção”.
(ROSA, 1956, p. 101)

Do autor e da obra

“Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada”. (ROSA, 1956, p.110).

Apresentando um sertão mágico e mítico nunca visto antes, João Guimarães Rosa retomou e subverteu as propostas de autores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, dentre outros. Ao recuperar e radicalizar o traço experimental da segunda fase modernista, sobretudo no plano da expressão e da inovação da linguagem, deu nova dimensão ao regionalismo brasileiro, criando um sertão de rico imaginário, reinventado por meio da linguagem. Ultrapassando a perspectiva regionalista, associou a temática filosófica e metafísica a experimentações formais, atribuindo à sua obra uma conotação universalista. Para tanto, incorporou diversas tradições: o pensamento de Heráclito, Platão e Plotino; Os *Vedas* e a *Bíblia*; A filosofia intuicionista de Henri Bergson, o taoísmo de Lao-Tsé, o racionalismo de Ernest Renan; “causos” de sertanejos, mitologia grega; A *divina comédia* de Dante, a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, e as fábulas de La Fontaine. Essa mistura de influências manifestou-se na obra rosiana, na invenção de neologismos, nas narrativas epifânicas, no convite a leitor/as a participar de um mundo mítico e desconhecido, cheio de amores, medos, ódios, vinganças, lealdades, crenças, traições, morte e vida (DEFFINA, 1975).

Em Grande Sertão: Veredas, Riobaldo, o narrador, fazendeiro-ex-jagunço Tatarana/Urutu-Branco, agora, de “range rede” (ROSA, 1956, p. 11), “quase barranqueiro” (p. 594) dirige-se a um interlocutor letrado, um ouvinte que nunca toma a palavra no romance. O protagonista relata sua “travessia” pelo sertão-mundo: “sertão: êsses seus vazios” (ROSA, 1956, p.32); fala de sua dúvida sobre a existência do diabo “Do demo? Não glosa” (ROSA, 1956, p. 10), de sua perturbadora paixão pelo companheiro Reinaldo-Diadorim: “Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. [...] De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência [...]” (ROSA, 1956, p. 30). A fala riobaldina faz emergir o mundo dos fazendeiros-coronéis; das lutas políticas, dos desmandos, e da ordem do jaguncismo com seus chefes, lealdades, ética sertaneja: “[...] Joca Ramiro também igualmente saía por justiça e alta política, mas só em favor de amigos perseguidos; e sempre conservava seus bons haveres. Mas Medeiro Vaz era duma raça de homem que o senhor mais não vê; eu ainda vi” (ROSA, 1956, p. 46). E o grande inimigo pactário, a ameaça noturna (ZURCHI, 2003): “... o Hermógenes tem pauta... ele se quis com o capioto...” (ROSA, 1956, p. 49).

Nesta obra de estrutura não capitulada, a narrativa é conduzida livremente, com longos desvios ao sabor das associações momentâneas do narrador: “o senhor... Mire, veja: o mas importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (ROSA, 1956, p. 24). As digressões riobaldinas na escrita rosiana dialogam intimamente com o método de construção de histórias de vida, nas ciências sociais, sem sucumbir, como dito por Bourdieu (1996, p. 183) à “ilusão biográfica”.

O clímax da narrativa dá-se no momento da guerra com Hermógenes – o grande inimigo pactário – quando ocorre a morte de Diadorim, sua identificação e o sofrimento-quase-epifania de Riobaldo ao, finalmente, compreender/aceitar o amor calado por tanto tempo. Para Defina (1975), a forma da narrativa, em Grande sertão: veredas, ganha importância transcendental de elemento construtor. Diz Kathrin Rosenfield que, segundo João Guimarães Rosa, este livro teria efervescência quase mediúnica. Uma escritura que se põe entre o realismo prosaico e o devaneio lírico, a querência das terras longínquas, e o constante sentimento de indeterminação simbolizado por Reinaldo/Diadorim que “transita entre elãs infantis e ideais viris, entre o angelical e o bestial, entre a ternura feminina e a autoridade de um homem implacável” (ROSENFELD, 2006, p. 94). Para a autora, a obra rosiana, em especial, este romance, é caudatária da filtragem de leituras de obras tais como os diálogos platônicos; as conjecturas leibnizianas quanto à existência de Deus; reflexões kantianas sobre o estatuto da natureza na experiência humana de Kant, e a poesia dos pré-românticos: Goethe e Hölderlin; a Bíblia, sobretudo, o Cântico dos cânticos; Dostoievski, especialmente, a obra “Os demônios”. Nesta filtragem, a temática da metafísica com respeito ao problema da relação entre a realidade sensível e o domínio supra-sensível; entre o cognoscível e incognoscível, ganha a cena.

No romance, destaca-se o caráter diurno heróico – Riobaldo, Diadorim – que Gilbert Durand refere quando fala das estruturas antropológicas do imaginário. Esta imaginação diurna é carregada de energia libidinal positiva em oposição ao aspecto noturno, tenebroso, maléfico da Hermógenes. Estas antíteses simbólicas (bem/mal) universais fazem emergir a figura luminosa do herói e da heroína, no combate à ameaça noturna, mesmo que o desenlace seja trágico, com a morte daquela, sacramentando, para sempre, a impossibilidade do amor entre o casal de protagonistas.

Ao indagar se as figuras rosianas são realistas ou idealizadas, Rosenfield (2006) conclui pelo cunho universal do propósito poético do autor, por mais que tais figuras girem no espaço geo-simbólico do sertão. Um sertão que “está em toda parte” (ROSA, 1956, p. 10). Para Rita Fortes, o autor, na procura do que Rosenfield (2006) denomina simplicidade transcendente, “finge a busca da autenticidade de suas personagens” (FORTES, 2006, p. 188), envolvidas em

dilemas constituintes da história social do Brasil. Mas para João Adolfo Hansen, desta busca emerge um sertanejo improvável. Improvável para quem? Não cabe à expressão da experiência de linguagem que é a ficção “dizer o que não pode ser dito”, como escrito por Foucault (2004)⁹? Michel de Foucault, ao refletir sobre a produção de sentidos a partir do discurso literário, remete a uma questão axial das ciências sociais, relativa às fronteiras do real e do ficcional nos distintos regimes discursivos acadêmicos.

Lembra Foucault (1999; 2004) que, entre os séculos XVII e XVIII, observou-se, nas sociedades ocidentais, tendência à fratura entre discursos científicos – fundados sobre “verdades” naturais sobre fatos objetivos – e literários – fundados na subjetividade, criatividade, invenção, em discursos evocativos. No pós-Segunda Guerra, movimentos diversos acentuavam o vigor da reflexão sobre a epistemologia das ciências (KUHN, 2006) e sobre o caráter de poder/destruição das ciências (CAPRA, 2001; MORIN, 2006), questionando a crença na apreensão da verdade do discurso científico. Por seu turno, a centralidade das linguagens e do texto nas reprodução das relações sociais ganhou evidência com a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur, com a filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein e John Austin; com o desconstrucionismo de Roland Barthes e de Jacques Derrida. Além do mais, a crise do colonialismo (FANON, 1968), as questões de gênero, e a emergência da epistemologia feminista (RAGO, 2012; LAYTON, 1997) destituíram o macho ocidental do seu lugar de produtor privilegiado do conhecimento.

O rebatimento destas miradas, nas Ciências Sociais, pode ser visto na etnometodologia de Harold Garfinkel e seu foco nas práticas cotidianas e nas indicialidades; no construcionismo de Berger e Luckmann (1985) com ênfase no processo de construção, negociação, e reformulação dos sentidos atribuídos aos objetos no mundo sociocultural; na nova sociologia crítica que tematizaria a relação entre conhecimento, verdade, e poder (FOUCAULT, 2008; 1979; MORIN, 2006); na antropologia, com os *cultural studies* (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003), com a publicação do Diário de Bronislaw Malinowski (MALINOWSKI, 1997), e com a antropologia interpretativa (GEERTZ, 1989), que ressaltaram o “caráter criativo inserido na descrição do outro e a centralidade do trabalho textual na atividade etnográfica” (COLOMBO, 2005, p. 267), com questões relacionadas a escolhas narrativas e retóricas. Demarcou-se, a partir dos anos 1970, a compreensão – especialmente na antropologia – de que não há escrita inocente; que a linguagem constitui-se em uma força que dá forma particular à realidade. Assim, tanto a realidade sociocultural quanto a imagem que leitor/as dela fazem “são criadas na construção ativa de um texto e [...] cada método de investigação e cada forma de observação modificam a realidade que se está observando” (COLOMBO, 2005, p. 268)¹⁰. No contexto, o próprio papel do/a autor/a foi problematizado (FOUCAULT, 1969)¹¹.

De objetos e escrita literários e etnográficos. De viagens, cadernetas, diários de campo...

“Estou contando ao senhor, que carece de explicado [...]”. (ROSA, 1956, p.146).

Uma aproximação entre a escrita rosiana e a antropológica pode ser localizada no uso das cadernetas de viagem de João Guimarães Rosa. Como referido, Guimarães Rosa preocupava-se em anotar, em cadernetas de viagens, como habitantes dos locais que visitava a descreviam. Organizava listas de palavras. Nesse sentido, a literatura desempenha, também, um importante papel na construção do imaginário de sertão, e na invenção das gentes do lugar

⁹ Foucault (1984) sugere afinidades entre a escrita ficcional e as heterotopias.

¹⁰ Colombo (2005.) refere três formas retóricas de narração científica: realista; processual, e reflexiva.

¹¹ Sobre a presença do autor na antropologia, na pós-modernidade, ver Caldeira (1988)

(ARROYO, 1984). A formação sertaneja auto-assumida do autor, completa-se pela imersão e construção da linguagem pautada em “causos” e relatos convencionais, marcantes na cultura brasileira¹² sem no entanto reduzir-se a uma mera reprodução. Ao contrário com um cuidadoso investimento lingüístico-litárario.

Este recurso do registro remete ao diário de campo do/a etnógrafo/a. Reflexões sobre o trabalho etnográfico, sobretudo, a partir do *being there* (GEERTZ, 2002), apontam para o que James Clifford e George Marcus definem como “ideologia que clama por transparência na representação e por imediatismo na experiência” (CLIFFORD e MARCUS, 1986, p. 2, tradução livre). É que paralelamente ao significado da antropologia como disciplina com pretensões de explicação e conceitualização da diferença, esta é significada, também, como um estilo literário, a etnografia, negada, no entanto, como obra literária. Esta linha tênue para uns e demarcada para outros, deve-se a certa “obsessão objetivista do realismo etnográfico” (REINHARDT e PEREZ, 2004, p. 235) centrada na experiência pessoal de antropólogo/as em campo, textualizada, de início, nos diários de campo que constituem, em si mesmos, uma prática textual específica com suas próprias convenções literárias; um tipo de literatura. De fato, o realismo etnográfico requer uma descrição da cultura baseada na observação participante. Como tal, supõe um fundamento de autoridade¹³: o referido *being there*.

Haveria uma distância intransponível entre a memória registrada no diário de campo e a mimese literária? Diários etnográficos clássicos como os de Bronislaw Malinowski, Franz Boas, Roberto Cardoso de Oliveira, dentre outros, remetem à literatura autobiográfica. Alguns a classificam como literatura do “eu; outros como “gêneros da data”. É que o diário é gênero literário governado pela aposição da data, mecanismo valorizado pela disciplina antropológica que recomenda e estimula a prática diarística, sobretudo, no trabalho de campo. Mas, diários etnográficos, são também mais que literatura: trazem memórias, vestígios de uma literatura particular e particularmente importante e crucial para a definição do discurso e do saber antropológicos: “a literatura de viagens” (RUBIM 2011, p. 365). Como diz James Clifford “a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita”, compondo um gênero literário. (CLIFFORD, 1998, p. 21).

Para além da pergunta sobre onde termina uma e começa a outra, importa considerar com Dias (2001) que a relação de colaboração e de reciprocidade entre arte e antropologia ganha complexidade. Ambas lidam com os mesmos assuntos, sendo que o trabalho artístico, com frequência, adota atitude e método etnográfico, embora com algumas dificuldades nesta apropriação artística: poucos são os princípios da observação participante respeitados e criticados, assim como observam-se diferenças de grau (como duração no trabalho de campo), de profundidade, e de sistematização, entre as duas práticas. No entanto é possível falar em método etnográfico na antropologia e de método etnográfico artístico¹⁴, com base em James Clifford para quem as apropriações da antropologia na arte contemporânea são modos de

¹² Para Vicentini (2007, pp. 187-8), trata-se de comportamento típico de escritores regionalistas: “dizem-se também *pesquisadores*, recolhedores de anotações em cadernetas. Publicam miscelâneas de lendas, cancioneiros, folclore recolhido, provérbios, dicionários de termos típicos, livros de receitas etc., todos dentro ou ao lado de suas obras literárias propriamente ditas. E também se lançam em polêmicas infundáveis sobre a fidelidade da representação de mundo que suas obras apresentam – se de fato é ou não é assim a sua região; se aconteceu ou não do jeito que está relatado. E defendem a posição de que só o nativo ou o enraizado no local é capaz de ler, entender e transmitir essa identidade regional”.

¹³ Na vasta literatura sobre o tema ver, dentre outros, Geertz (2002); Clifford (2008).

¹⁴ Sobre tratamentos diferenciados de autores e experiências diversos (viragem etnográfica da arte contemporânea, arte conceitual, performance, *body art*, arte “*site-specific*”, “arte quase-antropológica”; “registros de evidência”, assim como críticas concernentes), sobre esta mudança, ver Dias (2001).

representação legítimos tanto quanto a escrita ou a produção de imagens (fotografia, cinema, vídeo) academicamente reconhecidos¹⁵.

Narrativa, e prescrição riobaldinas do gran-desertão¹⁶: entre metáforas e aforismos na arquitetura rosiana da matéria vertente da linguagem

“[...] Contar é muito difícil. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balance, de se remexerem nos lugares” (ROSA, 1956, p. 183)

O romance Grande sertão: veredas é construído como uma longa e minuciosa narrativa oral do jagunço Riobaldo. Um personagem fruto da construção de um realismo mágico sobre sertão? Em sua *anamnesis*, Riobaldo narra e prescreve¹⁷. Um sertanejo-narrador-filósofo.

Hem? Hem? Ah. Figuração minha, de pior prá trás, as certas lembranças. Mas haja-me! Sofro pena de contar não... (ROSA, 1956, p.11).

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil. Peixe vivo no moqué: quem mói no asp'ro não fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto de especular idéia. (ROSA, 1956, p.11).

No realismo social de Graciliano Ramos, por exemplo, Fabiano, o protagonista-mudo de “Vidas Secas”, Romance de 1938, apontava para uma tipificação social (indivíduos que representam classes sociais) na construção ficcional de um sertão-mudo. Em 1956, João Guimarães Rosa revela um sertão-mundo narrado a partir das lembranças de um nativo:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com outros acho que nem não misturam” (ROSA, 1956, p. 99)

Uma narrativa com deslocamentos de sintaxe e um vocabulário que reúne elementos do português castiço, arcaico, da linguagem regional, e neologismos. Nesta arquitetura lingüística emergem imagens de sertão, de sertanejos e sertanejas em uma *fictio*¹⁸ que aponta para valores culturais de um sertão profundo - agônico? - em transição para a urbanização industrial:

¹⁵ “Schneider fala de “registos de evidência” para chamar as práticas artísticas que, implícita ou explicitamente, incorporam métodos da antropologia, particularmente o método etnográfico e a recolha, classificação e exposição museológicas, seja em trabalhos de colaboração com antropólogos, seja para apresentar uma problematização e uma crítica da antropologia. E chama a atenção para a anterioridade de muitos desses trabalhos em relação às críticas internas da antropologia a partir de meados dos anos 80” (DIAS, 2001, p. 117).

¹⁶ Gran (adjetivo masculino/feminino em espanhol). Grã, em português. Inspiração a partir da leitura do título do romance em apreço.

¹⁷ Pensamos, aqui, em analogia com a pesquisa de tradições orais com a tradição oral concebida como campo normativo que media a criação de sentidos, os quais não apenas contam (ação), mas também prescrevem (moral) (MORAES, 2000).

¹⁸ No sentido referido por Geertz (1989) em sua antropologia interpretativa.

O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedaçozinho de metal... (ROSA, 1956, p.20).

Como disse Octavio Ianni, a obra literária capta o espírito do tempo, muitas vezes, antes das ciências sociais. E fornece-nos metáforas quando ainda não temos os conceitos¹⁹. Na mesma direção, Edgard Morin fala dos diálogos entre literatura e sociologia, lembrando a necessidade da leitura de obras literárias por cientistas sociais e sobre como tais obras podem expressar o espírito do tempo. A comparação entre o Fabiano de 1938 e o Riobaldo de 1956, reafirmamos a pertinência do que dizem Octavio Ianni e Edgard Morin. É fato que, a partir dos anos 1960, uma série de acontecimentos no mundo, dentre os quais o processo de descolonização²⁰ e, mais recentemente, o que ficou conhecido como globalização²¹, promovem importantes inflexões na reflexão antropológica. Os tidos como antigos primitivos assumiram voz nas arenas nacional e internacional e o papel de antropólogo/as é redefinido no sentido de abandonar a tarefa de falar pelos povos indígenas. Esses povos passam a falar por si – riobaldinamente – em defesa dos seus próprios direitos políticos, sociais e culturais, com fortes implicações nos modos de relacionamento entre suas produções expressivas e o ocidente. A economia da mediação antropológica entre autore/as indígenas e circuitos internacionais, no que tange a produções artísticas atuais, também se faz sentir, com o mundo da arte abrindo à inclusão dessas produções.

Grande sertão: veredas pode ser visto como um anúncio destas transformações? Para José António B. Fernandes Dias, as relações entre antropologia e arte ocidental sofreu alterações que vão de um olhar dos primitivismos modernistas ao estudo antropológico das práticas artísticas. Pode-se falar, então, de uma relação de colaboração e reciprocidade que se observa entre os trabalhos artístico e antropológico. Neste, a figura do “primitivo” é substituída por uma situação mais complexa e potencialmente conflituosa. Este repensar do “primitivo” (FABIAN, 1983, e KUPER, 1991), como lembra Dias (2001) não se restringe ao discurso antropológico. Assim, a construção do oriental, por Said (2007), ou do índio amazônico de Claude Lévi-Strauss são, ambas, construtos da imaginação ocidental, inclusive, da científica. A mesma questão é desencadeada no discurso artístico (HILLER, 1991), com trabalhos artísticos ilustrando esta nova configuração. Assim, “embora não tenha desaparecido completamente da antropologia, nem das referências artísticas contemporâneas, onde pode ser encontrada por detrás de trabalhos nas áreas da performance, da *land art*, da instalação e da

¹⁹ Anotações de comunicação oral, em sala de aula, no curso de doutorado em Ciências Sociais, no IFCH/UNICAMP, nos anos 1996-7.

²⁰ Nesta mirada, o debate sobre etnodesenvolvimento volta-se à ampliação e consolidação das esferas de cultura próprias, pelo fortalecimento da capacidade autônoma de decisão de uma sociedade culturalmente diferenciada para orientar o próprio desenvolvimento e a autodeterminação. Novos países africanos e organizações indígenas lutam pela sua autodeterminação. Em 1981, realizou-se, em San Jose da Costa Rica, a “Reunião de Peritos sobre Etnodesenvolvimento e Etnocídio na América Latina”, promovida pela articulação entre UNESCO e FLACSO. Proclamou-se a necessidade de deter o etnocídio e de pôr em marcha um processo demarcado por projetos de futuro próprios aos povos indígenas (DIAS, 2001; LIMA; BARROSO-HOFFMANN; PERES, [s/d]).

²¹ Entendido como processo simultâneo de destruição de identidades tradicionais e de criação de novas diferenciações, promove implicações profundas no modo de entender a unidade de estudo tradicional da antropologia – comunidade local. Crescentemente, impõe-se considerar tanto as determinações internas quanto as regionais, nacionais e globais que a atravessam, e às quais ela adapta-se e/ou resiste, em meio a instituições e redes translocais e dispersas e novas interpelações identitárias que provocam questionamentos a ideários de homogeneidade interna (DIAS, 2001). No processo, a percepção das diferenças e das suas ciladas (PIERUCCI, 1990), da multiculturalidade (HALL, 2003) e dos desafios da diversidade cultural (BARROS, 2008).

crítica da instituição arte, a noção de primitivo perde a legitimidade e a autoridade que a caracterizaram” (DIAS, 2001, p. 113).

Importa compreender que tudo isto opera uma substituição da cristalização no termo primitivo como “formulação essencializada da diferença, das culturas intactas com uma diferença extrema (cujos códigos e estruturas podem ser submetidos a uma interpretação e tradução perfeitas), pela evidência de que o que há no mundo contemporâneo é uma interpenetração de culturas, orlas, híbridos, fragmentos [...]. Os antigos “primitivos” isolados estão hoje localizados num tempo e num espaço que é contemporâneo do nosso” (DIAS, 2001, p. 115)²².

Assim, formulações essencializadas da alteridade traduzidas como primitivo/moderno cedem lugar, no interior da própria antropologia, a modelos relacionais de diferença em uma mirada etnográfica mais abrangente da alteridade. O foco desloca-se para o interior de qualquer cultura onde essa alteridade se manifeste. Este movimento de abandono de uma categoria que concebia uma diferença sistemática, interpretável e utilizável para a crítica cultural teria posto termo à relação de familiaridade entre arte e antropologia? De fato, a crítica interna da antropologia acompanha a crítica artística dos primitivismos. As questões de identidade e identificação dominantes no trabalho antropológico, apresentam-se também no trabalho artístico com as vozes de mulheres, minorias sexuais, étnicas e imigradas, reivindicando a presença artística, o que muito/as artistas vão assumindo em seus trabalhos (DIAS, 2001).

A narrativa rosiana-riobaldina provoca-nos a pensar na perspectiva universalizante de um sertão que se encontra em toda parte, interpelando-nos, como sujeitos de uma nacionalidade demarcada pelo par de opostos litoral/sertão, como tratado em vasta literatura sociográfica sobre o tema²³: “sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.” (ROSA, 1956, pp. 282)

Para Dacanal (1988), na consciência de Riobaldo estão em luta o mundo primitivo de estruturas conscienciais mítico-sacrais e o mundo da civilização, de uma consciência reflexiva, no plano lógico racional: o jagunço, na consciência de Riobaldo, é o não auto-reflexivo, o primitivo²⁴. Mas esta imagem lévy-bhruliana de um sertão primitivo não é apenas de Riobaldo. Ela é parte de um imaginário, trabalho de uma memória coletiva que alimenta, conceitualiza. Como observou Moraes (2000), a consciência de Riobaldo remete, figurativamente – para além da oposição entre um raciocínio auto-reflexivo e um outro não-reflexivo – à ambigüidade do sujeito social cuja consciência reflete universo ideacionais distintos não apenas na ficção mas nos sujeitos históricos concretos abordados em pesquisas etnográficas.

Nesta perspectiva, Martins (1968) lembra que Grande sertão: veredas pode ser visto como o excesso próprio da linguagem: um tatear do narrador por diferentes maneiras narrativas e lingüísticas de controlar a matéria vertente, em um ir-e-vir tagarelante, de sua própria travessia, sem eliminar a instabilidade desordenante das deformações do fluxo vertiginoso de falas em redemoinhos. Na arte-narrativa de Riobaldo a estrutura é ordenada por meio de metáforas e metonímias, zeugmas e anacolutos de composição. É como se a técnica e o espírito das figuras de linguagem se transpusessem para os recursos propriamente literários. E como observado por Rosenfield (2006, p. 93), para além do consciente manuseio dos

²² A globalização, por seu turno, incide também no interior das sociedades, levando à “redescoberta da diferença como um fenômeno geral interior às culturas, a todas as culturas. Cada uma é um mundo em que identidade, diferença e valor cultural são permanentemente produzidos e contestados” (DIAS, 2001, p. 115) como indicam os chamados novos movimentos sociais (DIAS, 2001; GONH, 1997), que emergem a partir do anos 1960, promovendo inflexões nas tradicionais divisões políticas e sociais de classe, politizando e trazendo para a esfera pública dimensões subjetivas e identitárias, étnicas, de raça, de gênero, de sexo, de gerações.

²³ Para uma etnografia do pensamento social brasileiro a respeito, ver Sousa (1997)

²⁴ Dacanal (1988) discute a própria utilização do termo *mítico-sacral* em oposição a *lógico-racional*, termo este usado para definir características de estruturas conscienciais na ficção real-naturalista européia e derivados.

materiais lingüísticos, Guimarães Rosa situa a performance narrativa de Riobaldo “numa verdadeira floresta de temas literários” cujo virtuosismo lírico longe de ser atenuado apenas pela singeleza sertaneja, é também absorvido por um “[...] manejo lúcido do conhecimento antropológico e psicológico que confere a essas longínquas reminiscências poéticas nova consistência e autenticidade”, inclusive, nas prescrições impressas nos aforismos.

Analogamente, podemos falar da “floresta de símbolos” de Turner (2005) em sua antropologia dos rituais, pois, se para Rosenfield (2006) a fala de Riobaldo tem dimensões lírica, épica, poética, dramática, filosófica, esotérica e mítica, pensamos que, antropologicamente, o gran-desertão só é narrável pelo imaginário do regime do mundo no entre-mundos, pela microscópica descrição riobaldina dos rituais sertanejos. O caráter heteróclito dos materiais que dão suporte à construção literária Guimarães Rosa deve-se à reunião de elementos metafísicos, filosóficos, religiosos diversos. E o Grande Sertão, gran-desertão, mostra-se com acuidade, em suas múltiplas veredas, na escritura rosiana que toma Riobaldo como narrador: “com o senhor me ouvindo, eu deponho. Conto”. (ROSA, 1956, p.153). E o sertão vai-se expondo em sua complexidade que reúne objetividade e subjetividade: “sertão é: dentro da gente” (ROSA, 1956, p. 305)

E a descrição densa, antropologicamente microscópica, vem aos borbotões (indeterminação: amor/amizade, opostos; Deus/diabo, e medo da indeterminação; medo/coragem; heróis/anti-heróis; infinidade – passado/presente/futuro – mistura; o demoníaco inominável; o humano e o não-humano, a ordem e a desordem, o mundo e o desmundo, sonho e realidade; *homos moralis*; um fervor admirável subjacente também no sincretismo místico da cultura popular) para narrar travessias, inclusive, como diz Rattes (2009, p. 47) a “travessia inconclusa do barranqueiro amor de Diadorim”. E diz mais:

O que o romance rosiano coloca em cena é o vínculo da-indeterminação-do-não-discreto-do-contínuo ao mal, pensado em termos filosóficos e literários; e, portanto de outro lado [...], aflora também uma margem de instigante diálogo com certo tratamento antropológico dado às mitologias e às cosmologias: cosmologias – versadas que são, em demasia, a partir do movimento constitutivo que caminha no fluir das paragens primevo-contínuas até aquelas das discreções. Se contumaz é este dilema em Riobaldo, o ponto chave emerge como aquele de perceber algo do conjunto de materiais do qual Rosa faz uso para, singularmente, construir o intervalo no “Grande Sertão: Veredas”: aquele mundo que é caracteristicamente misturado, contínuo, indeterminado do sertão” (RATTES, 2009 p. 47).

Assim, Guimarães Rosa qual “etnólogo improvisado [...], funda uma espécie de antropologia poética, em que a penetração da alma do outro se encerra, ao mesmo tempo, enquanto processo dialógico do conhecimento” (ARRIGUCI, 1994, p. 13).

Mas, uma obra etnográfica, como produto científico, não requer a lógica da prova, na construção de evidências empíricas? A antropologia interpretativa e a crítica pós-moderna ao realismo etnográfico convergem para o alerta de Arriguci (1994) para a quase-impossibilidade de saber-se ao certo o que seria material bruto da experiência de campo, coletado diretamente de alguma suposta “realidade” sertaneja, pelo escritor. Nesta aproximação entre a obra literária e a pesquisa etnográfica, ambas são mediadas pela informação cultural, como caudatária de leituras literárias, ensaístas, científicas e outras fontes, em um trabalho de bricolagem²⁵.

²⁵ “Lévi-Strauss descreve a atividade da bricolagem não apenas como atividade intelectual mas como atividade mitopoética” (DERRIDA, 1995, p. 240).

O fato é que encontramos, na base da linguagem, o falar regional do Norte de Minas, certamente muito estilizado, de combinação com latinismos; arcaísmos tomados ao português medieval²⁶; indianismos; neologismos; termos aproveitados e adaptados de múltiplos idiomas (do inglês, do alemão, do francês, do árabe etc.); vocábulos cultos e raros, bebidos nos clássicos portugueses; elementos da linguagem das ciências, e sabe-se lá de que fontes mais. Enfim, as virtualidades da língua atualizadas e manipuladas na direção de uma mescla única, difícil de definir e de entender num primeiro momento, que estranha e surpreende e vai, entretanto, se apoderando do leitor, à medida que se entrega ao fluxo rítmico da narrativa também misturada. (ARRIGUCI, 1994, p. 13).

Considerações finais

Neste artigo, abordamos o tema da relação entre literatura e antropologia, tomando como locus privilegiado para tal, o romance Grande sertão: veredas. E buscamos apontar convergências que apontam para certa intimidade possível entre ambas discursividades.

Para a literatura, esta aproximação torna-se plena de sentido, quando consideramos os mitos subjacentes aos textos, no caso, acionados pela própria formação intelectual do autor que bebeu em fontes diversas e pelo cuidadoso trabalho de cerzadura entre falas regionais e questões humanas, universais, pensadas/vividas, a depender das culturas específicas, como pares antitéticos ou dialeticamente ineterrelacionados: vida/morte, alegria/tristeza; longe/perto; bem/mal; deus/diabo; crença/descrença; pobreza/riqueza; inverno/verão; dia/noite, dentre muitos outros.

Para o projeto da antropologia, a aproximação torona-se um modo privilegiado e acadêmico de tratar os fenômenos culturais às quais ela, a antropologia, é interpelada a responder com etnografias dos mundos diversos, assim como dos limites do seu potencial para a crítica cultural. Assim, se a literatura desafia e desestabiliza as fronteiras de distinção e exclusão, estas, para antropólogo/as são objetos de estudo, muitas vezes, a partir da literatura ou com seu auxílio.

Nesta direção, a/a artista que trabalha de dentro da sua própria cultura para fazer sobre ela um comentário, ou para aí introduzir novos pontos de vista - artista como etnógrafo/a -, aproxima-se do/a antropólogo/a nativo/a, “*at home*” (DIAS, 2001, p. 118) no trabalho de reconhecer e registrar modos de estar no mundo, de ver, de sentir, de perceber, de conhecer, de lembrar, de narrar.

Afinal, nestas considerações finais, o que poderia haver de mais significativo a considerar quanto às interfaces entre literatura e antropologia – que tomam o humano como matéria – que o filosofar rosiano/riobaldiano à pagina fina do romance?

“[...] è o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 1956, p.594).

²⁶ Segundo o próprio João Guimarães Rosa: “esse magnífico idioma já quase esquecido: o antigo português dos sábios e poetas daquela época dos escolásticos da Idade Média, tal como se falava, por exemplo, em Coimbra” Em entrevista a Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em janeiro de 1965. Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>

Referências

- ABREU, J. C. **Capítulos de história colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982
- ARRIGUCCI, Jr. “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”. **Novos Estudos – CEBRAP** n.40, São Paulo, 1994, pp. 7-29
- ARROYO, L. **A cultura popular em Grande Sertão: Veredas**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1984
- BAKHTIN, M. (VOLOCHIOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1996
- BARROS, J. M. (Org.) **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008
- BASTIDE, R. Problemas da sociologia da arte. **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2
- BERGER, P. L.; LUCKHMAN, T. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, M. M., AMADO, J. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 183-191
- BOURDIEU, P. **As regras da arte gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Presença, 1996
- BRANDÃO, C. R. **Memória Sertão: cenários, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998
- BROTHERSTON, G. **Book of the fourth world**. London: Cambridge Press, 1992
- BUGALHO, H. A. Realismo mágico: a realidade a favor da literatura. **SAMIZDAT**, 2004. Disponível em: <http://www.revistasamizdat.com/2009/04/o-realismo-magico-realidade-merce-da.html>. Acesso em 4 de agosto de 2013
- CALDEIRA, T. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 21, jul./1988, pp. 116-132
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix. 2006
- CARVALHO, C. **O sertão**. Rio de Janeiro: Ed. de Obras Científicas e Literárias, 1924.
- CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008
- CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Writing Culture: the poetics and politics of ethnography**. Berkley: University of California Press, 1986.
- COLOMBO, E. Descrever o social – a arte de escrever a pesquisa empírica. *In*: MELUCI, A. **Por uma sociologia reflexiva**. Pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 265-288.
- CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2003, nº 23, pp. 23-61

CUNHA, E. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda. 1967

DACANAL, J. H. **Nova narrativa épica no Brasil**. Grande sertão: veredas; O coronel e o lobisomem; Sargento Getúlio; Os Guaianãs. São Paulo: Mercado Aberto, 1988

DEFINA, G. **Teoria e prática de análise literária: síntese de princípios de análise literária** : (aplicados ao romance grande sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa). São Paulo: Pioneira, 1975. (Pioneira. Manuais de estudo)

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Perspectiva: São Paulo, 1995

DIAS, J. A. B. F. Arte e antropologia no século XX: modos de relação. **Etnográfica**, Vol. V (1), 2001, pp. 103-129

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988

FABIAN, J. **Time and the Other: How Anthropology Makes its Object**, New York, Columbia University Press, 1983

FALCI, B. M. K. **Escravos do sertão**. Teresina: Fundação cultural Monsenhor Chaves, 1995.

FALCI, B. M. K. Mulheres do sertão nordestino. PRIORI, M. (org.) NEZI, C. B. (coord.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 2002, pp. 241-75.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968

FENTRESS, J., C. WICKHAM. **Social Memory**. Cambridge: Blackwell, 1994

FORTES, R. F. Resenha crítica. Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos. **Revista Trama** - Volume 2 - Número 3 - 1º Semestre de 2006, pp. 185-189

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, M. Des autres espaces. *In: Architecture, Mouvement, Continuité*, nº5, octobre, 1984, pp. 46-49. (Conference dans le Cercle d'Études architecturales, 14 de março 1967)

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martin Fontes, 1999

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FOUCAULT, M. O Que é um Autor? **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, 63º ano, nº 3, julho-setembro de 1969, pp. 73-104. (Société Française de Philosophie, 22 de fevereiro de 1969; debate com M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d'Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl.) Disponível em: WWW.fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf

FREUD, S. Lembranças de infância e lembranças encobridoras. *In: Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [a], v. VI, pp.67-76

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. *In: Obras c ompletas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.12, pp. 191-203

GALLINO, L. (dir.) Arte, Sociologia da. *In: Dicionário de Sociologia*. São Paulo: Paulus, 2005, pp.33-40

- GARBUGLIO, J. C. Guimarães Rosa, o demiurgo da linguagem. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 158-176, 1º sem. 2002
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- GEERTZ, C. A antropologia e o cenário da escrita. **Obras e vidas**. O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002, pp.11-39
- GELL, A. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GELL, A. **The art of anthropology: essays and diagrams**. London: The Athlone Press, 1999.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOHN, M. G. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOODY, J. **The interface between the oral and the written**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1998.
- HALL, S. A questão multicultural *In: Da diáspora: identidades e mediação cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, pp. 51-100
- HILLER, S. (Org.). **The Myth of Primitivism: Perspectives on Art**, Londres: Routledge, 1991
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva: 2006
- KUPER, A. **The Invention of Primitive Society: Transformations of an Illusion**. London, Routledge, 1991 [1988]
- LAYTON, R. O pós-modernismo e a antropologia. *In: Introdução à teoria antropológica*. Lisboa: Edições 70, 1997, pp. 245-285
- LÉVI-STRAUSS, C. A crise moderna da antropologia. *Currier de l'Unesco*, nov.1961. **Revista de Antropologia**, v. 10, n. 1/2, 1962
- LIMA, A. C. S.; BARROSO-HOFFMANN, M.; PERES, S. C. Notas sobre os antecedentes históricos das idéias de “etnodesenvolvimento” e de “acesso de indígenas ao ensino superior” no Brasil. [S/D]. Disponível em: http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/artigos/arquivos/Texto_Etnodesenvolvimento_e_Ensino_Superior_Indigenas.pdf. Acesso em 30 de agosto de 2013
- M. Z. ZURCHI. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília, Ed. UnB: 2003
- MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997, pp. 41-131
- MARTINS, W. Guimarães Rosa na sala de aula. *In: DANIEL, M. L. João Guimarães Rosa*. Travessia Literária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968
- MORAES, M. D. C. Ainda queremos ser...tão?” (reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí). **CARTACEPRO**, Teresina-PI, v.24, n. 1, 2007, pp. 38-49
- MORAES, M. D. C. Do destino pastoril à vocação agrícola (modernização agrícola dos cerrados e inflexões discursivas nas narrativas mestras do Piauí). *In: ELIAS, D.; PEQUENO, R. (Orgs.) Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais*. Fortaleza: BNB, 2006, p. 173-209.

- MORAES, M. D. C. Memórias de um sertão desencantado (modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense). **Tese**. Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 2000.
- MORAES, M. D. C. Veredas do grande sertão na construção do Brasil como “comunidade imaginada”. **Nota de aula, n. 2**. Tópico Especial de Sociologia: “Imagens e Narrativas do Sertão”. Teresina, 2004. 5 p.
- MORIN, E. O pensamento dissimulado (paradigmatologia). *In: O método 4*. As idéias. Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2001, pp. 258-295
- OLIVEIRA, R. C. O ofício do antropólogo ou como desvendar evidências simbólicas. **Série Antropologia**, n. 413, Brasília, UnB, 2007, 21 p.
- PIERUCCI, A. F. Ciladas da diferença. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 2(2): 7-33, 2.sem. 1990
- RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. *In: Gênero e história*. Edita: CNT-Compostela, Agosto de 2012, pp. 19-46. Disponível em: <http://www.cntgaliza.org/files/rago%20genero%20e%20historia%20web.pdf>. Acesso em 30 de junho/2013
- RAMA, A. **Transculturación narrativa en América Latina**. México: Siglo XXI, 1982.
- RATTES, K. O mel que outros faveiam. Guimarães Rosa e antropologia. **Dissertação**. Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009
- REINHARDT, B. M. N.; PEREZ, L. F. Da lição de escritura. **Horizontes Antropológicos** 2004, vol.10, n.22, pp. 233-254
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- ROSENFELD, K. **Desenveredando Rosa**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006
- RUBIM, G. “Observadores observados” e a pesquisa avançada em literatura e antropologia. **Etnográfica**, junho de 2011, 15 (2): 361-375
- SAID, E. W. **Orientalismo- o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937. Tomo primeiro, série 5ª – Brasiliana, vol. 68, Biblioteca Pedagógica Brasileira.
- SAINT-HILAIRE, A. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geras e a São Paulo (1822)**. Rio de Janeiro: Nacional, 1932.
- SOUZA, C. V. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: UFG, 1997.
- TESE vê relação com viajantes do século 19. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de junho de 1996, p. 5. Caderno Mais! “O sertão místico de Rosa”.
- TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005
- VICENTINI, A. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **SOCIEDADE E CULTURA**, V. 10, N. 2, jul./dez. 2007, pp. 187-196
- VIEIRA, A. **Sertão Brabo**. [s/l] [s/e], 1966. 245 p.